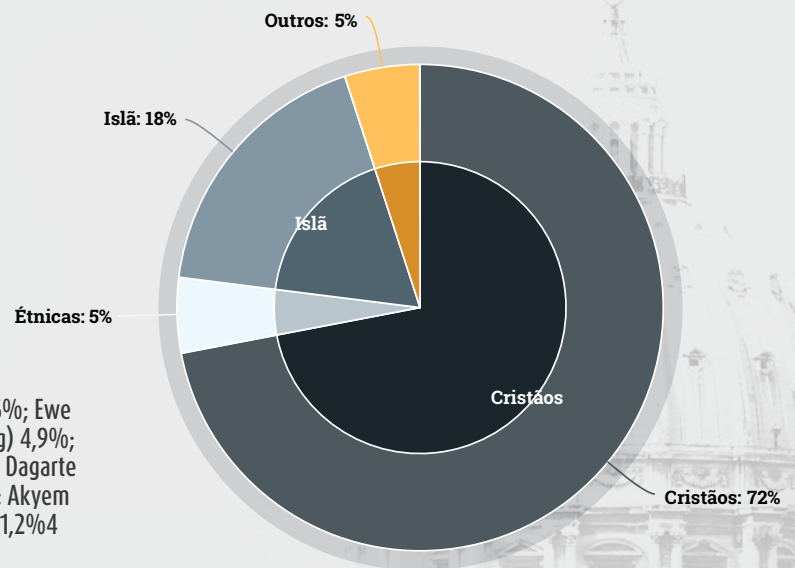
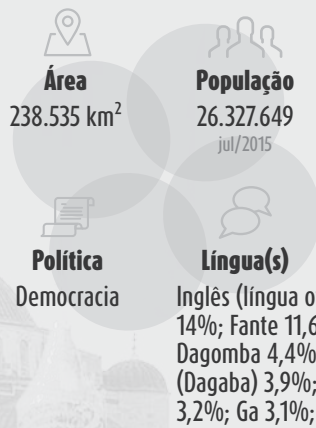


Gana



A República do Gana é um dos países mais estáveis da África Ocidental, tanto em relação ao respeito pelos direitos humanos básicos como em relação ao desenvolvimento econômico. Embora o seu crescimento econômico tenha diminuído de 7,1% em 2013 para 4,2% no ano seguinte, as perspectivas de médio prazo ainda são favoráveis. O Gana foi grandemente poupado às consequências devastadoras do surto de Ebola, que em 2014 e 2015 causou uma enorme crise em vários outros países da África Ocidental.^[1]

A situação econômica e política estável contribui para o fato das relações entre as várias religiões e comunidades de fé em Gana serem, em muitos aspectos, exemplares. Onde há menos pobreza, as tensões sociais também tendem a ser menores e menos agudas.

Como antiga colônia britânica, Gana tornou-se independente em 1957, tendo sido o primeiro país da África Subsaariana (ao sul do Deserto do Saara) a fazê-lo. O país tem um grande leque de comunidades religiosas. Mais de dois terços da população são cristãos, com um grupo bastante menor de muçulmanos. Além de um pequeno número de seguidores de religiões tradicionais, há pequenas quantidades de baha'ís, budistas, hindus e judeus.^[2]

Dominantes entre os cristãos são as comunidades pentecostais e carismáticas (28,3%), seguidas dos protestantes (18,4%)

e dos católicos (13,1%).^[3] Os muçulmanos pertencem majoritariamente a uma forma moderada do Islamismo sunita. O Islamismo extremista tem poucos seguidores no Gana, o que representa um contraste em relação a muitos outros países na região, como por exemplo o Burkina Faso, o Mali e o Níger.

Na muito respeitada *Ghana Conference on Religion and Peace* (GCRP) [Conferência do Gana para a Religião e a Paz], na qual a Conferência Episcopal Católica do Gana também está envolvida, cristãos e muçulmanos trabalham de forma construtiva e em conjunto na procura do seu objetivo declarado: a construção de um país de coexistência pacífica.^[4]

A base desta coexistência pacífica está definida no artigo 21º da Constituição, que estabelece o direito à liberdade religiosa.^[5] Oficialmente, o registro é obrigatório para todos os grupos religiosos, embora na prática muitos, em particular as comunidades africanas tradicionais, não observem esta lei, que existe desde a década de oitenta. Até agora, não sofreram qualquer consequência por não estarem registrados.^[6]

Em geral, são isentas de impostos as atividades religiosas sem fins lucrativos, como por exemplo o trabalho beneficente e educativo. Durante o período deste relatório, não houve indícios de qualquer problema entre as várias organizações religiosas.

[3] Arquivo Munzinger 2016

[4] Arquivo Munzinger 2016

[5] <http://www.ghanareview.com/parlia/Gconst5.html>

[6] Departamento de Estado Norte-Americano: International Religious Freedom Report for 2013

[1] http://www.auswaertiges-mt.de/DE/Aussenpolitik/Laender/Laenderinfos/Ghana/Wirtschaft_node.html

[2] U.S. State department 2016: International Religious Freedom Report for 2014

Estas liberdades permitem que a Igreja Católica de Gana desempenhe um papel principal na formação da sociedade. Além do seu trabalho pastoral, a Igreja está ativa de diversas formas na área social. Fora do país, no mundo católico mais alargado, a Igreja de Gana é muito respeitada: um exemplo disto foi o apelo mundial feito pelo Cardeal Peter Turkson, presidente do Conselho Pontifício Justiça e Paz, para que a encíclica papal *Laudato Si* fosse tida em consideração com seriedade e posta em prática. Para o cardeal, esta encíclica papal não tem apenas uma mensagem meramente ecológica, mas acima de tudo uma mensagem social. Numa entrevista à revista austríaca *Inpuncto*, falou de uma “encíclica social abrangente” que combina as dimensões ecológica, econômica e política “de maneira única”. Para Turkson, a novidade da encíclica reside na combinação da moralidade com a espiritualidade. Para ele, a encíclica foca-se especificamente em temas como a pobreza, a exclusão social, o tráfico de seres humanos, os refugiados, a perseguição aos cristãos, a família, os jovens e os idosos. O cardeal refere também que os dirigentes econômicos e políticos são chamados a reconhecer as consequências que as suas decisões têm sobre os outros.^[7]

Um problema que não afeta apenas Gana, mas muitos outros países da África Ocidental, é a emigração em massa dos jovens. Muitos tentam chegar à Europa através do Mediterrâneo ocidental ou central. Exatamente quantos jovens perderam a vida até agora neste esforço não se sabe. O que é certo é que há muitos jovens de Gana entre eles.^[8] “A África já não pode suportar esta hemorragia demográfica”, disse Turkson numa entrevista ao jornal diário alemão *Frankfurter Allgemeine Zeitung*.^[9] “Muitos destes jovens não devem ser perdidos para os seus países de origem”, disse. O que era necessário, pelo contrário, eram “programas de desenvolvimento direcionados para os países em perigo, que lidassem com a educação, a formação e as práticas democráticas de governo em todos os níveis”, disse o cardeal.

Turkson lamentou o fato da maior parte destes migrantes econômicos alimentarem grandes ilusões sobre o seu futuro na Europa. “Suas verdadeiras histórias nunca são contadas em casa. Os sofrimentos e humilhações nunca são referidos”, observou. Turkson gostaria de ver informações realistas divulgada na África sobre os perigos da migração e sobre a verdadeira situação na Europa. O cardeal afirmou: “Ainda não foi feito o documentário ‘O Caminho dos Sonhos Desfeitos’, para aqueles que estão em casa talvez ainda pensando em fazer a viagem.” Turkson apelou também aos europeus para que lidem com as causas do êxodo nos países de origem. A caridade, disse, “sem dúvida que não é a solução”, acrescentando que a própria Europa não pode continuar aceitando e integrando cada vez mais pessoas. “Há crises nos países da União Europeia, desde a Grécia até à França, e o medo

de serem oprimidos pelos estrangeiros entre os cidadãos comuns. A Europa deve esforçar-se por lidar com o problema nos lugares onde as pessoas iniciam a sua viagem”, disse. Falando sobre o passado colonial, o cardeal sugeriu que a Europa tinha fugido às suas responsabilidades para com estas antigas colônias. Esta era a única razão pela qual a China e a Índia tinham tanta influência na África hoje em dia, acrescentou. Ao mesmo tempo, criticou as elites africanas, que nunca tinham aprendido que o poder existe para servir as pessoas. “As elites querem governar por causa do poder e da riqueza”, disse, acrescentando que os migrantes africanos vinham não só de áreas de guerra civil, mas também “da cintura tropical”, ou seja, de “países que são na realidade ricos, onde há recursos minerais e também oportunidades de trabalho”.

Devido à sua estabilidade econômica e política, Gana é um dos países de destino mais seguros na África Ocidental. Esta é uma das razões pela qual é provável que a situação de segurança favorável continue durando para os membros de todas as religiões representadas em Gana, mesmo que o número de refugiados seja considerável. Durante o ano de 2015, cerca de 14 mil refugiados estiveram ao cuidado de Gana através do ACNUR, incluindo pessoas que fugiram da instabilidade política na Costa do Marfim, a oeste de Gana. Mas vários milhares de pessoas também se deslocaram para o Gana vindos do vizinho Togo, muitos deles por razões econômicas.^[10] Até agora, o fenômeno do jihadismo islâmico ainda não surgiu sob a forma de ataques violentos em Gana.

[7] http://de.radiovaticana.va/news/2015/09/25/%C3%B6sterreich_turkson_papst-enzyklika_nicht_nur_%C3%B6kologisch/1174081

[8] http://www.deutschlandradiokultur.de/migration-die-folgen-der-fluechtlingswelle-fuer-ghana.979.de.html?dram:article_id=345271

[9] http://de.radiovaticana.va/news/2015/06/16/kardinal_turkson_afrika_kann_f%C3%BCchtlinge-exodus_nicht_I%C3%A4nge/1151510

[10] ACNUR 2016: 2015 ACNUR perfil de operações sub-regionais – África Ocidental